

NESTE NÚMERO:

ZÉZINHO

A
SENSAÇÃO
DE
CHAMARTIN

DEPOSITO LE

OUT. 1957

CRÓNICA

Desportiva

N. 22

8 de SETEMBRO de 1957 - Preço 1\$50

DEPOSITO LEGAL
- OUT. 1957

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



CRONICA DESPORTIVA

N.º 22 — 8-9-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR

& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

Sporting



e



F. C. Porto

na luta pelo título de campeão nacional

F. C. do Porto e Sporting são adversários históricos em disputa de títulos nacionais. Foram os primeiros contendores para esse efeito, já lá vão 35 anos.

De facto, ainda não havia o campeonato da I Divisão, nem sequer os da Liga, quando o Sporting e o F. C. Porto, por serem campeões regionais nessa época, encetaram o ciclo de finais para o campeonato de Portugal, a partir de 1922-23, disputado pelo sistema de eliminatórias sucessivas.

Ganhou então o F. C. Porto por 3-1.

Em 1924-25 voltaram os dois clubes a enfrentar-se numa final do campeonato, então em Viana do Castelo. Os portuenses tornaram a ganhar, mas por 2-1.

Só em 1936-37, F. C. Porto e Sporting tornaram a ser finalistas. Foi em Coimbra e os nortenhos voltaram a vencer, então por 3-2.

Depois disso, só no campeonato da I Divisão, os dois clubes tornaram a bater-se pelo título nacional.

Antes disso porém, já no torneio da Liga, com características iguais às do campeonato nacional, mas não se disputando o título máximo, os dois «colossos», de Lisboa e do Porto, tinham dirimido forças.

No primeiro ano desse torneio (1934-35) o Sporting continuou a não ser capaz de vencer o F. C. Porto, nesta série de jogos a que nos reportamos. Empatou 2-2 em casa e derrotou 2-4, fora — foram os resultados.



Uma imagem do mais sensacional Sporting-F. C. Porto de todos os tempos — em que os «leões» venceram por 9-1. António dos Santos está caído no chão, vigiado por Manuel Marques, enquanto Jurado domina a situação



Em 1935-36, porém, os «leões» averbaram a primeira vitória, por 3-2. Todavia, nesse mesmo torneio, o Sporting baqueou pela marca incrível de... 10-1.

Não perdeu o F. C. Porto pela demora, pois logo na época seguinte, em Lisboa, o Sporting desforrava-se por 9-1. No Porto empataram 2-2.

Em 1937-38 (último ano da Liga), o Sporting continuou a dar que falar, ven-

Jaburu avança para a baliza, e Passos e Caldeira protestam



cendo por 6-1 em Lisboa. Mas perdeu no Porto por 2-1.

Nesta série de quatro torneios, o F. C. Porto alcançou um título de campeão da Liga e o Benfica, três.

Em 1938-39 começou finalmente o campeonato nacional no sistema actual. O F. C. Porto, como é já seu hábito, estreou na competição, ganhando o título. Resultados com o Sporting: 4-4 e 2-1, em Lisboa e no Porto, respectivamente.

Em 1939-40, o F. C. Porto voltou a ganhar o campeonato, mas contra o Sporting perdeu e ganhou (Sp. 4-3, F. C. Porto 4-2); porém, foi a vez do Sporting ganhar o título nacional, tendo vencido em Lisboa por 5-1., e E. 2-2 no Porto.

Em 1941-42, o Sporting voltou a vencer or boa margem (5-0), perdendo no Porto por 3-0. O Benfica foi campeão nesse ano, como no seguinte.

Foi uma época má para o F. C. Porto, a de 1942-43, pois classificou-se em

7.º lugar, a três do fim! Contra o Sporting fez 2-2 em «casa» e perdeu em Lisboa por 5-2.

Em 1943-44, o Sporting foi campeão e o F. C. Porto o 4.º classificado. Foi a primeira vez que um deles conseguiu sobre o outro duas vitórias. Foram os «leões» os duplos vencedores: 2-0 e 3-1.

F. Peyroteo entre dois fogos — Octaviano e Barrigana

Todos de pé em riste: Alfredo, Peyroteo e João Cruz.



Cardoso neste lance não é nada meigo para o portuense Falcão...





Cardoso intenta desarmar Araújo

Foi o Benfica campeão em 1944-45, tendo o Sporting (2.º) com o F. C. Porto (4.º) feito os resultados seguintes: 5-4 e 1-3 (V. e D.).

O campeonato de 1945-46 foi mau para ambos. Pela primeira vez ficaram os dois, ao mesmo tempo, abaixo do 2.º lugar. O campeão foi o Belenenses, o 2.º o Benfica, Sporting o 3.º e o F. C. Porto... 6.º.

Nova dupla vitória «leonina», por 1-0 e 3-2.

A partir de 1947, o Sporting começou a dar que falar. Campeão, bateu os portistas (3.ºs) por 3-2 e 4-2, em Lisboa e Porto, respectivamente.

Novo campeonato ganho para o Sporting, em 1947-48. O F. C. Porto (5.º)

perdeu em Lisboa por 5-2 mas venceu em «casa» por 4-1.

Terceiro campeonato consecutivo para os «leões», em 1948-49. Caso curioso: o F. C. Porto ganhou os dois jogos, em «casa» por 1-0 e outro em Lisboa por 2-1.

Em 1949-50 houve uma interrupção na série de campeonatos ganhos pelo Sporting (sete em oito anos!).

Então os resultados do clássico duelo Sporting-F. C. Porto



Outra vez, Cardoso em acção, desta feita para interceptar Correia Dias

foram 4-1 a favor dos «leões», em Lisboa, e 2-1 para os portuenses no seu recinto.

O Sporting ganhou depois, quatro campeonatos seguidos, não sem que os nortenhos se esforcassem por contrariar essa vantagem.

Assim, em 1950-51, houve 3-0 para o F. C. Porto, em «casa», 2-1 para o Sporting em Lisboa. Em 1951-52, empate no Porto (2-2) e 2-1 para os lisboetas. Em 1952-53, novo empate no Porto, mas 5-1 em Lisboa, a favor dos sportinguistas. Em 1953-54, o F. C. Porto obteve enfim a vitória: 1-0, nas Antas. Mas perdeu na capital 2-1.

Em 1954-55, o título voou para o Benfica. Os resultados Sporting-F. C. Porto foram: 1-1 e 5-1 (vitória leonina em Lisboa).

O F. C. Porto ganhou o campeonato de 1955-56 — mas o Sporting, apesar

de ter feito uma má época, ia-lhe pregando um susto, quase no final do campeonato. Os portuenses ganharam nas Antas por 3-1 e vieram a perder pela única vez, no Estádio nacional, contra o Sporting, por 1-0.

Finalmente, na época passada, os resultados foram 2-0 para o F. C. Porto, em «casa», e 2-1 para os lisboetas, em Alvalade.

Agora, um novo Sporting-F. C. Porto vai inaugurar o campeonato. Formulamos votos para que o faça com chave de ouro. É provável que assim aconteça. Pelo menos a história tem-nos dito que os jogos Sporting-F. C. Porto são dos mais movimentados e emocionantes que se realizam em Portugal.

Assim seja mais uma vez, para gaudío da enorme falange de desportistas, sedenta do seu espectáculo favorito...



Virgílio alivia... para Vasques

O QUE ACONTECEU NO ÚLTIMO SPORTING-F. C. PORTO, EM ALVALADE

Agora que «leões» e «portistas» voltam a enfrentar-se, é curioso recordar o que fizeram na última vez que se encontraram. Foi no dia 13 de Janeiro deste ano, a contar para a 18.ª jornada. Alinham: *Sporting*: C. Gomes, Galaz



João Martins fugindo a Virgílio.

e Pacheco; Pérides, Passos e Juca; Hugo, Gabriel, Miltonho, Vasques e Martins. F. C. Porto: Pinho; Virgílio e Osvaldo; Pedroto, Arcanjo e Barbosa; C. Duarte, Hernâni, Jaburu, Sarmento e Perdigão.

Arbitrou Inocêncio Calabote.

Foi a estreia de Barbosa, jogador do Boavistá, na I Divisão, jogando pelo F. C. Porto.

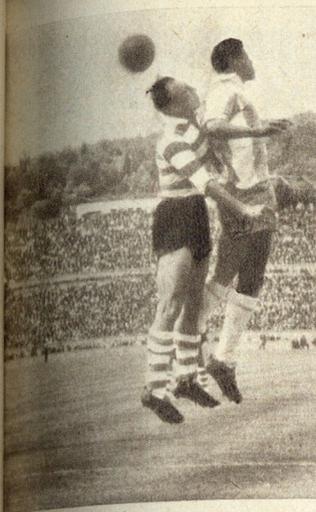
Os «leões» venceram por 2-0 com toda a justiça. Vasques foi a «pedra» mais brilhante, salientando-se como jogador «armador». Carlos Gomes e Juca também se creditaram de boa exibição.

Os melhores do F. C. do Porto foram Hernâni e Carlos Duarte. Pinho foi dos menos felizes. Os «portistas» apresentaram uma atenuante para a sua derrota: os treinos constantes da selecção não consentiam que treinassem em conjunto.

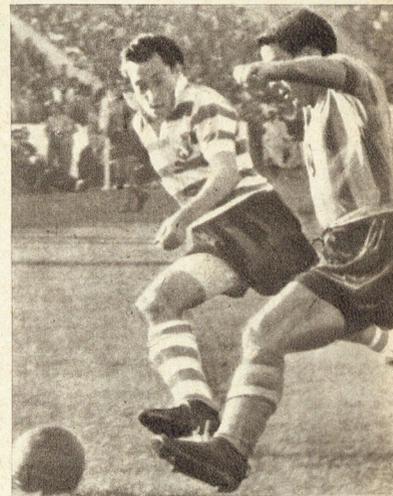
Vasques prepara-se para rematar por entre dois adversários



Uma defesa de Carlos Gomes aos pés de Hernâni



Passos em luta com Jaburu



EM CIMA: Duelo de dois jovens — Hugo e Sarmento



Pacheco comete falta com a mão para evitar a entrada de Teixeira

UMA FAMÍLIA QUE SE DISTINGUIU
NO DESPORTO NACIONAL

OS SILVA MARQUES

(TRÊS IRMÃOS E OS TRÊS
FORAM INTERNACIONAIS)



Foi uma família famosa, a dos Silva Marques. O mais velho, Mário da Silva Marques, praticou vários desportos, mas salientou-se mais como nadador. No Casa Pia A. C. conquistou belos triunfos. Foi o primeiro nadador olímpico, pois deslocou-se a Paris em 1924 onde disputou uma eliminatória de 200 metros bruços e tomou também parte no I Portugal-Espanha em 1925. A ele coube o primeiro recorde estabelecido oficialmente em Portugal, — o recorde dos 200 metros-bruços, fixado no antigo tanque da Casa Pia, em 1924. Foi campeão nacional nas seguintes provas: — 100 metros-livres (1921 e 22) 200 metros livres (1921) 400 metros livres (1921) 200 metros-bruços (1921-22 e 23), 200 metros quatro estilos (1922) e 100 metros costas (1922-24-26 e 27) — ao todo 13 campeonatos.

Mário da Silva Marques foi ainda notável praticante de «water-polo».



O RECORDE NACIONAL DOS 200 METROS-BRUÇOS HÁ 33 ANOS QUE ESTÁ EM PODER DA FAMÍLIA SILVA MARQUES

É verdade! O «record» nacional dos 200 metros bruços há trinta e três anos que está em poder dos irmãos Silva Marques! Foi oficialmente estabelecido por Mário Silva Marques, em 1924 e mais tarde melhorado pelo seu irmão João, actual detentor da marca. Curiosíssimo não é verdade?

Francisco da Silva Marques, mais conhecido por «Zabala» jogou futebol no Bele-nenses onde conquistou títulos e fama pelo seu poder e facilidade de remate.

Internacional contra a França no célebre jogo dos 4-0 e contra a Itália em Turim, Francisco da Silva Marques que jogou a maior parte da sua carreira no lugar de avançado-centro fixou-se no final desta no lugar de médio-centro onde teve ainda ensejo de empregar os seus números e valiosos conhecimentos de futebolista.

oOo

João da Silva Marques que abandonou a actividade em Julho de 1948 foi dos três irmãos o que teve carreira mais duradoira e... o que amis proezas cometeu!

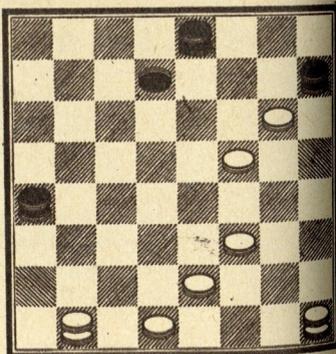
Durante vinte e dois anos conquistou dezenas de títulos nacionais e regionais e batteu recordes sem conta, obtendo também o galardão de internacional. Das suas maiores proezas destaca-se a que durante dezassete anos consecutivos lhe deu o título nacional de 200 metros bruços. Enunciar todo o seu palmarés seria impossível pois as páginas desta revista não chegariam. No entanto o que apontamos é suficientemente elucidativo sobre a sua extraordinária classe.

Eis a traços largos o que foi a carreira dos três irmãos Silva Marques — três irmãos que conseguiram a honra de representar o País.





DAMAS
JORGE GOMES FERNANDES

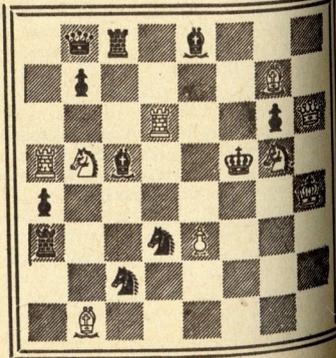


Jogam as brancas e ganham

XADREZ

F. GAMAGE

FOUR PIN WAY TOUR TOURNAY



Mate em dois lances

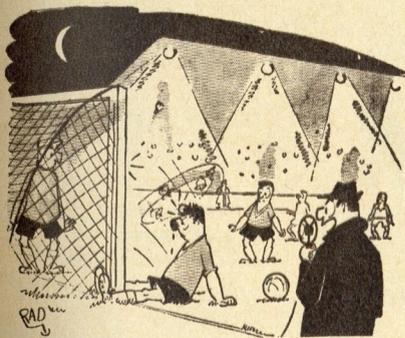
PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

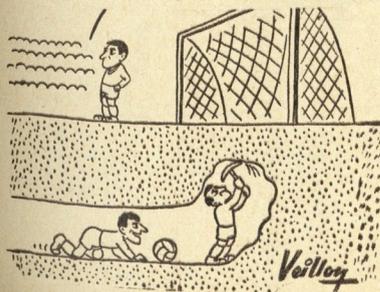
HORIZONTAIS — 1. Modalidade do atletismo; moedas de prata da Rússia. 2. Recorda; numeral. 3. Malograva; aro. 4. Fio de latão; primeiro nome do «monje voador». 5. Oferece; mulher de Luca. 6. Governanta. 7. Novo jogador do V. Setúbal; iniciais do jornalista que acompanhou o Benfica na digressão às Américas. 8. Casta de uva do Minho; jogador do Belenenses. 9. Espécie de papagaio do Amazonas; jogador do Benfica. 10. Líquidos gordurosos; que se faz durante a noite. 11. Jogador da Académica; tontura de cabeça.

VERTICAIS — 1. Jogador do Benfica; patrões. 2. Cidade com clube na 1.ª Divisão de futebol; alberga. 3. Bebida usada no Peru e constituída por mais demolhado; gostarem. 4. Escavam; combinou. 5. Dirigente da esgrima; igreja. 6. Única. 7. Nota musical (antiga); clube da 1.ª Divisão. 8. Cidade que festejou este ano valioso triunfo; porção do intestino delgado que vai de jejuno ao ceco. 9. Jogador do Caldas; planta medicinal. 10. Ulceração da membrana das fossas nasais; predestinar. 11. Chancela; devasta.

Humor no desporto



O LOCUTOR — Senhores ouvintes: no momento em que Malaquias se aproximava da baliza, pronto a fazer golo, faltou a luz.



— Ele até vai ficar maluco com este golo...

PIADAS

— Um jogador a quem perguntaram se era amador ou profissional, respondeu que era ambas as coisas, amava receber o ordenado de profissional...

— A resposta de um guarda-redes sobre qual fora a sua melhor defesa foi esta:

— Certa vez um avançado ia dar-me um pontapé, e eu... desviei-me.

— E outro a quem perguntaram qual tinha sido o seu melhor, respondeu que era... abstémio.

A notícia de que era papá deu-lhe asas

George Derek Ibotson tem 25 anos, é engenheiro-eletricista e casado com a atleta internacional da «meia milha» Madeleine Wooler.

Caso curioso que se verificou: Ao ter conhecimento que sua esposa dera à luz uma encantadora menina Ibotson comemorou o seu nascimento estabelecendo um novo «record» britânico da milha em 58 s. 4/10, que se disputou, em Ibrox, Glasgow. A notícia parece que lhe deu asas!



A última (?) foto de Couceiro com a camisola do Sporting-sede

COUCEIRO

três vezes
dispensado pelo
Sporting talvez
tenha saído agora
definitivamente

Existe um pormenor curioso na carreira futebolística do valoroso defesa Couceiro. Começando a jogar aos 17 anos nos juniores do Sporting C

Emprestado ao Luso do Barreiro, em 1952-53



Treinando no Sporting da Covilhã

Não foi ainda inteiramente feliz, dado que pela terceira vez o clube lisboeta prescindiu dos seus serviços.

Tomou, de novo, o rumo da Serra, agora parece que por período mais prolongado pois o contrato é por três épocas.

Mas, quem sabe? Talvez Couceiro, que conta agora 25 anos, ainda venha de novo a pertencer ao Sporting — sede!...

Couceiro, quando ainda junior



CADA «BOXEUR» TEM O SEU MÉTODO DE TREINO...

Claro que cada *boxeur* tem seu método de treino e daí não virá mal ao Mundo...

É curioso, por exemplo, o do francês Pierre Tanglois, actualmente no Canadá, que vemos em acção, saltando ao eixo sobre o seu amigo Jacques Royer - Crécy e sobre a própria e encantadora esposa.



José Pereira e Ramin lançadores de peso

A imagem mostra-nos um dos momentos do treino que os «goleiros» José Pereira e Ramin têm seguido ultimamente no Restelo, preparando-se para a época que toda a família belenense aguarda com aquilo que lhes traga enfim o almejado título.

Os dois homens da baliza, visivelmente bem dispostos e alheios ao pensamento de que nesta época terão de fazer sombra um ao outro, (acima de tudo o clube! — disseram-nos) treinam-se com uma esfera dos lançadores de peso! Que a coisa manda peso não há dúvida. Sempre são seis quilos...

Sabe que equipa é esta?

É claro que não jogaram assim — de «quépi» na cabeça — mas foi deste modo que

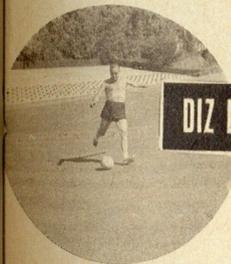
se apresentaram ao público e «posaram» para a posterioridade. Reconhecem-se, de pé, da esquerda: o então major Ribeiro dos Reis (seleccionador), Francisco Ferreira, Feliciano, Cardoso, Mateus, Serafim, Manuel Marques (massagista), Capela (suplente) e Azevedo. À frente: Mário Coelho, Quaresma, Peiro-teo, Salvador e Rogério.

Pergunta-se: 1) Como formou esta equipa? 2) Contra que adversário? 3) Qual o resultado do jogo? 4) Quem fez funcionar o marcador?



Dois novos treinadores na 1.ª Divisão

Vão estreiar-se no campeonato nacional da I Divisão dois treinadores reputados — Enrique Fernandez, do Sporting (já dirigiu a turma no final da época) e Augusto Costa, do Belenenses. Ambos estão naturalmente esperanças, como se deduz das suas declarações.



DIZ FERNANDEZ

— Não prometo o título mas...

O urugaio Fernandez, conhecido técnico do Sporting, conhecedor profundo dos «segredos do «metier», não tem pouco dos seus pupilos nem tão pouco se tem poupado a ele próprio que é sempre o primeiro a dar o exemplo e... a mostrar como se faz. Sem dúvida é um magnífico executante.

Acerca de projectos para a nova época e interrogado, Fernandez foi cauteloso nas palavras que nos disse:

— Não prometo nada com respeito a títulos, porque tudo é contingente, e esta coisa de afirmar que a minha equipa vai ganhar o campeonato não é afirmativa que se possa fazer de ânimo leve. No entanto e isso prometo sim, é que do Sporting estão preparados para dar se inicia. Quanto ao resto no decorrer da prova se verá!



Na foto: Augusto com o brasileiro Edison fazem corta-mato no campo de treinos do Restelo

Para
Augusto
Costa
a preparação física
é primordial

O treinador brasileiro do Belenenses, Augusto Costa, tem-se dedicado afincadamente, a preparar os atletas da sua equipa, não descuidando um só dia, desde que chegou, os seus treinos.

Falando-nos dos aspectos que mais lhe feriram a atenção, quando, ainda no Brasil, viu o Belenenses jogar, afirmou-nos:

— A falta de preparação física que notei na equipa e que originou os maus resultados obtidos desde logo me despertou a atenção. É em geral o mal que pretendo debelar e o que espero conseguir, pois, os «mininos» têm correspondido bem.

Referindo-se depois ao quadro de jogadores que possui, Augusto Costa, disse-nos: — Tecnicamente conto com excelentes «cracks». Há que apurar o conjunto, e... dentro do que é permitido confiar nos imponderáveis do futebol, aguardo o futuro cheio de esperanças.



FILATELIA E DESPORTO

PORTUGAL

EMITIU JÁ

5 SÉRIES

DE SELOS

DESPORTIVOS

Ocioso se torna falar da amplitude que, em todo o mundo, tomou a filatelia. O que, porém, poderá constituir surpresa para algum dos nossos leitores, é o desenvolvimento que tomou o rumo filatélico designado por «sport», ou mais particularmente, a filatelia desportiva.

Em todo o mundo há milhares de colecionadores de selos tematicamente desportivos, isto é com motivos colhidos no desporto quer para assinalar proezas, acontecimentos de grande projecção; comemorações, propaganda, etc.

Poderá pensar-se que se trata de uma colecção fácil, julgando-se por ventura que existem apenas algumas escassas centenas de «specímenes». Puro engano. Há milhares. A filatelia desportiva é hoje uma das mais vastas e interessantes especialidades.

Quase todos os países do mundo, nos últimos sessenta anos, já emitiram selos inspirados em assuntos desportivos. Algumas nações (como a Hungria, facto que referimos recentemente) capricham mesmo em apresentar estampilhas de índole desportiva, que são autênticas obra-primas, no desenho e confecção gráfica.

Surgiu então a ideia, até, de promover concursos para apurar os mais belos selos do mundo — ou não fosse a competição uma faceta essencial do desporto.

Se o nosso País concorresse em tais certames, decerto não ficaria bem classificado. A filatelia, desportiva portuguesa é pobre, muito pobre mesmo. Comparada ao muito que se tem feito lá fora, nessa especialidade (a seu tempo iremos reproduzindo aqui esses interessantes «specímenes» estrangeiros), fica a perder de vista, tanto em qualidade como em quantidade.

Até agora foram emitidos em Portugal seis séries de selos.

A primeira emissão data de 1 de Julho de 1889 e foi dedicada à União dos Atiradores Civis de Portugal. Esse primeiro exemplar foi impresso nas cores verde e castanho.

Successivamente, fizeram-se todos os anos novas emissões, com taxas e cores, até 1910. A série completa consta portanto de 12 valores. Segundo indicação da casa A. Molder, esta colecção, com espécimens novos, custa 150\$00. No catálogo internacional de Laudmans, todos estes selos estão classificados como «vulgares» (250 liras cada um, novos), excepto as duas primeiras edições, avaliadas em 1.750 liras cada um (classificação: discreta).

A segunda série foi emitida em 30 de Abril de 1928, e foi dedicada ao IX Jogos Olímpicos de Amsterdão.

De 22 a 24 de Maio foi obrigatória uma sobretaxa a favor da participação de atletas portugueses nessa olimpiada.

Durante vinte e quatro anos, o desporto foi completamente ignorado pelos responsáveis neste sector, embora se tivesse justificado por mais de uma vez tal coisa. Basta lembrar-nos dessa jóia gabada pelo mundo inteiro que a conhece e que se chama Estádio Nacional...

Em 28 de Junho de 1952 saiu finalmente uma série comemorativa do 8.º Campeonato Mundial de hóquei em patins, realizado no Porto. Nesse dia foi aposta uma chancela assinalando o primeiro dia de circulação.

Que a ideia resultou di-lo uma nova emissão nesse mesmo ano, assinalando a inauguração do Estádio 28 de Maio, de Braga. Foi posta em circulação em 10 de Dezembro de 1952.

Foi consagrada ao centenário do Automóvel Club de Portugal e representa o escudo de quando era ainda o Real Automóvel Club de Portugal e o actual.

E pronto. Fica por aqui a apresentação sucinta da filatelia desportiva portuguesa.

DR. SALAZAR CARREIRA, AYALA BOTTO E JOSÉ PRAZERES

FILATELISTAS DESPORTIVOS

A filatelia desportiva, como especialização, ainda está relativamente pouco desenvolvida entre nós. Por isso a permuta de selos, segundo presumimos, não tem o movimento que se observa nos outros ramos filatélicos.

Segundo temos conhecimento um dos mais distintos coleccionadores portugueses de selos desportivos é o Dr. Salazar Carreira, antigo atleta e hoje técnico e crítico reputado, e Inspector da Direcção Geral dos Desportos. Parece que possui uma colecção muito valiosa.

Também outro Inspector da D. G. D., Dr. Ayala Botto está a valorizar a sua colecção filatélico-desportiva. E consta-nos também que José Prazeres, antigo internacional de hóquei em patins e seleccionador, também é um coleccionador convicto nesta especialidade. Outros mais haverá e seria interessante expandir-se a ideia, principalmente entre aqueles que apreciando o desporto, e sendo filatelistas, não optaram ainda por aquela curiosa especialidade.

NA HORA DE DESPEDIDA

As boas e más recordações de

ARTUR DIAS

o internacional do «Sporting»
que é homenageado na 5.^a feira



É já no próximo dia 12, que se realiza a festa de homenagem ao popular atleta Artur Dias, do Sporting, o qual tem na verdade um palmarés impressionante.

Nascido a 15 de Julho de 1924, Artur Dias começou oficialmente a praticar atletismo com a idade de 16 anos, em representação do F. C. de Alverca, um clube modesto que representou duas épocas. Depois veio o Sporting, e... já lá vão 15 anos.

*

Os títulos conquistados por Artur Dias, para o seu clube são tantos que nem ele se lembra. Sobre recordas lembra os seguintes: 4 x 400, estafeta olímpica 800 x 400 x 200 x 100, estafeta 300 x 150 x 80, 3 x 400, e 3 x 300. Estes são tempos que ainda não foram substituídos na tabela dos recordes.

Quanto a outros que Artur Dias também estabeleceu mas já foram substituídos por melhores tempos, são os seguintes: 500, e 400 metros, e estafetas 10 x 100, 10 x 200 e estafeta 400 x 200 x 200 x 100. Artur Dias foi internacional 12 vezes tendo defrontado as equipas do sul da França, Espanha e Bélgica. Em representação da Associação de Lisboa, foram oito as vezes que Artur Dias envergou o «jersey» lisboeta para defrontar Madrid 4 vezes e Porto 4.

Artur Dias que foi sempre amador contou-nos algumas das melhores recordações da sua carreira:

— Num Lisboa-Madrid a estafeta olímpica era a última prova e a que decidia o vencedor. Recebi o testemunho com oito metros de atraso, mas no final... era esse o avanço que eu conquistara ao obter a vitória.

Outra boa recordação foi nos campeonatos regionais.

— Eu estava na cabina e um dirigente disse-me para correr os 400 metros barreiras, prova essa que me era totalmente desconhecida. Fui para a pista e o que sei é que ganhei e venci o Matos Fernandes... Com ele mantive, pela carreira fora, luta entusiástica, designadamente em 400 metros planos. Grande atleta e grande desportista, o Matos!

Quanto aos momentos tristes, há um que sobreleva todos:

— Num Portugal-Bélgica prova de 400 metros quando seguia destacado em 5.^o lugar, um cão saltou à pista e descontrolei-me sendo obrigado a parar. Vim a terminar em último.

Falando das perspectivas do atletismo nacional, Artur Dias declarou-nos:

— Manuel Faria é no presente o expoente máximo do atletismo nacional, assim como prevejo, num futuro próximo que o valoroso Pedro de Almeida, continuando no trilho de agora, se guiará a alto nível.

Finalizando Artur Dias, disse-nos:

— Estou quase a cortar pela última vez a linha da meta dado que após a minha festa só continuarei enquanto o Sporting precisar de mim. No entanto desde já afirmo publicamente a minha gratidão, em que envolvo todos os dirigentes, colegas e simpatizantes do atletismo.

- 1) — A primeira prova oficial ganha por Artur Dias, no Sporting, em 1943.
- 2) — Campeão de Portugal dos 400 m. em 1945.
- 3) — Brillhante vencedor de uma estafeta no Portugal-Espanha!
- 4) — Canhão, Artur Dias. Nuno Morais e Paquete — detentores do recorde actual da estafeta olímpica 800 x 400 x 200 x 100.



GEORGE DEREK IBOTSON

O VENCEDOR DA MILHA DO SÉCULO

ainda há pouco mais de 2 anos
ERA UM DESCONHECIDO

Depois de Roger Banister, o primeiro atleta que percorreu a milha em quatro minutos, nunca um atleta de meio-fundo, foi tão discutido como o alegre George Derek Ibotson, particularmente depois do seu recente triunfo na prova da milha, disputada em White City, durante um torneio de atletismo entre as selecções de Londres e Nova Iorque e em que tomaram parte os melhores meios-fundistas da actualidade (o checo Jungwirth, o irlandês Relaney e outros), na qual Ibotson bateu o «record» do Mundo que pertencia ao australiano John Landy, estabelecido em 21 de Junho de 1954, em Turku, na Finlândia e que era de 3 m. e 58 s. Derek fez a milha no tempo extraordinário de 3 m. 57 s. e 2/10.

Derek Ibotson, ainda há escassos dois anos era quase um desconhecido.

Natural de Yorkshire, ganhou na sua terra algumas provas regionais contra adversários de pouca categoria e em 1950 nos Campeonatos da «Juventude Inglesa» não foi além do sexto lugar na prova de corta-mato.

Foi só em 21 de Maio de 1955 que os técnicos «repararam» que Derek era um valor positivo do atletismo quando numa prova de duas milhas disputada em Manchester ofereceu forte resistência a Gordon Pirie, percorrendo a primeira milha em 4 m. 8 s. e 4/10.

A partir desta data o jovem Ibotson fez assinalados progressos: venceu a corrida das milhas disputada em White City gastando 13 m. 34 s. e 6/10 e depois mais tarde foi terceiro nas seis milhas, percorrendo a distância em 28 m. e 52 s.

Nos Jogos Olímpicos de Melbourne, Derek Ibotson segue em quarto lugar, entre os melhores «ases» mundiais dos 5.000 metros



Na «Milha do Século», em Los Angeles, Derek Ibotson conduz a corrida, vindo-se Tabori e Hewson em sua perseguição

No campeonato nacional inglês foi o segundo nas três milhas, prova que foi ganha por Chataway, pelo que foi seleccionado para o Inglaterra-Alemanha, Inglaterra-França e Inglaterra-Rússia. Destes três torneios o que mais satisfação deu a Derek foi o com a França, porque, graças ao seu sacrifício, Chris Chataway estabeleceu um novo «record» do mundo nos 5.000 metros.

Em 1956, fazendo serviço na R. A. F., George Derek foi seleccionado para a equipa olímpica. Com bastante tempo para treinar Ibotson apresentou-se em Melbourne em forma excelente, não ganhando a prova dos 5.000 metros frente ao formidável Kuts porque, segundo as suas próprias declarações, foi «demasiado apressado»; o terceiro lugar que alcançou deu-lhe o direito à medalha de bronze.

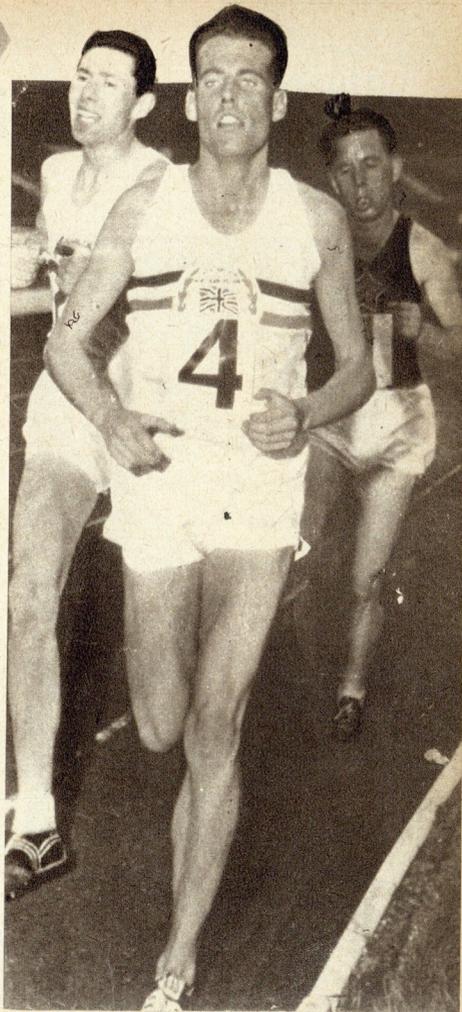
Derek que já em Agosto de 1956 havia corrido a milha em 3 m. 59 s. e 4/10, melhorou há pouco tempo em Glasgow para 3 m. 58 s. e 4/10.

Na «Milha do Século» disputada em Los Angeles, E. U. A., em Maio deste ano, Derek conduziu a prova com relativa facilidade, mas foi batido pelo australiano Mervin Lincoln, pelo facto de ter sido «encaixado» entre o húngaro Lazlo Tabori e o seu compatriota Brian Hewson. Mas logo na noite seguinte na cidade de Modesto, México, Ibotson quase que brincau com o australiano Lincoln, percorrendo a última volta em 54 s. e 6/10.

A tática de George Derek é muito semelhante à de Roger Banister, aguentando os adversários, para arrancar de forma estonteante na recta final.

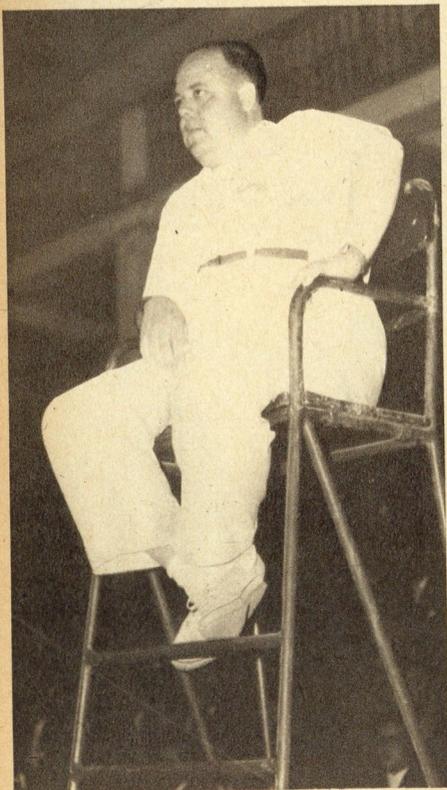
Uma das grandes ambições de Derek é bater Kuts, por quem, aliás, tem grande admiração.

No próximo número: o romance de amor de VLADIMIR KUTZ



1.250
ARBITRAGENS
EM VOLEIBOL!

ROGÉRIO Craveiro Lopes



Despediu-se recentemente da actividade o árbitro Rogério Craveiro Lopes que ao voleibol lusitano prestou inestimáveis serviços.

Ao longo da sua carreira, Craveiro Lopes arbitrou... só 1.250 jogos! o último desafio que serviu para despedida, foi o Portugal-Marrucos feminino em Abril deste ano no Pavilhão dos Desportos.

Craveiro Lopes conta no seu «palmarés» com alguns momentos de que na verdade se pode orgulhar. Por exemplo: Em 1948, em Roma, arbitrou o França-Itália que deu aos gauleses o 2.º lugar, dirigindo depois o encontro da última jornada, que decidia o título, entre checos e italianos, no qual os checos se sagraram vencedores do 1.º campeonato da Europa de Voleibol.

Em 1956, em Paris, arbitrou a final do campeonato do Mundo, fazendo par com o polaco Menel na direcção do jogo entre Checoslováquia e Rússia, sendo assim o primeiro árbitro português (talvez de todas as modalidades...) a dirigir a final dum campeonato mundial. Craveiro Lopes considera que além da responsabilidade dos jogos, citados os que lhe deram mais trabalho, a orientar foram os encontros Sporting-Técnico, Lisboa Ginásio-Técnico e Técnico-Nacional do Funchal.

Craveiro Lopes arbitrou também basquetebol e andebol nos quais dirigiu 53 e 227, jogos respectivamente, tendo também, nestas modalidades, dado por terminada a sua impressionante carreira de árbitro.

Rogério Craveiro Lopes no posto

O primeiro português a arbitrar uma final do campeonato do mundo

A direita: três homens do voleibol que são redactores: Nuno Barros, de «Aola», «capitão» da selecção portuguesa, Michel Constantin, do diário «L'Equipe» e «capitão» da selecção de França, e o árbitro Craveiro Lopes, redactor de «Mundo Desportivo».



Em baixo: Com a equipa da Checoslováquia, vencedora do 5.º campeonato da Europa (Roma, 1948). O nosso colega, com 1,76 m. parece baixo junto de dois checos que medem 2,07 e 2,14! Os restantes andam pelos 1,80/1,90 m.!



ZÊZINHO é uma figura que se tornou grada no nosso futebol à custa de muito trabalho, de muito espírito de sacrifício, de muita disciplina.

A sua carreira é já fértil em momentos maravilhosos, em recordações que ficam gravadas a letras de ouro na vida de um futebolista.

À data a que fazemos esta entrevista com o popular «crack» benfiquista ele é, apenas, um jogador do clube. Nada mais do que isso. Mas muitos dos que tiveram a honra de envergar a camisa das quinas não conseguiram popularizar-se tanto como o homem que foi a sensação de Chamartin. — O meu nome todo? — perguntou-nos. — Ai vai uma vez mais. José Gouveia Martins...

— Porquê Zêzinho?
— Oh! naturalmente porque sou José e porque em criança, como sabe, ou nos chamam Zeca ou Zé... A mim acharam preferível prolongar o diminutivo. E fiquei Zêzinho...

— Desagrada-lhe?
— Já estou habituado...
— Quais são as suas origens?
— Sou natural do Montijo. Ali nasci em 6 de Março de 1930...

E prosseguindo:
— Sou filho de gente modesta, que trabalhava numa fábrica, quando eu era gaio. Eramos — e somos — dois rapazes e uma rapariga...

— E a bola surgiu na sua vida a que idade?

— Muito cedo. Logo desde **gaiatinho**... Assim que vi saltitar uma bola na minha frente, foi uma **doídice**...

— Verdaderamente, o futebol entusiasma-o a sério em que ano?

— Por alturas de 1940, tinha eu dez anos. No entanto, já quatro anos atrás eu não pensava noutra coisa. E quem quisesse encontrar-me bastava correr os principais largos e praças montijenses para resolver o problema.

— Lembra-se de alguns companheiros que fossem mais tarde também futebolistas?

— Do meu tempo, o Caxeirinha e o Canarim...

O diálogo prosseguiu:
— Mas nesse tempo vocês jogavam por jogar, com certeza... — dissemos...
Zêzinho atalhou prontamente:

— Olhe que não. Sabe lá a vivacidade que existia entre as diversas ruas onde a rapaziada morava!

E creia: por fim, a coisa já tomava foros de sensacional. Formámos vários grupos. Tínhamos o do Bairro dos Pescadores, o da Praça 1.ª de Maio... e outros. Graças a esses emocionantes despiques, acorria muita gente ao campo do Laranjo, só para nos ver jogar...

— Sinal de que vocês já «mexiam na borracha»...

— Sim, a **malta**, muito embora não pudesse considerar-se «ás», já tinha um certo brio...

— Qual foi o seu primeiro grupo?
— Isso tem história...

— Pois conte...

— Como sabe, certamente, o principal clube do Montijo era, nessa altura, o «Onze Unidos». Todos **torciamos** pelo **team** lá da terra, com o forte entusiasmo que facilmente se calcula. Eu era dos **facciosos**, mais «doentios», apesar da minha pouca idade. Como, nesse tempo também, eu era o miúdo que mais habilidade parecia ter para a bola, a rapaziada do clube convidou-me para **mascotte** do grupo.

— E você, claro, não se fez rogado...
— Nem pensar nisso! Aceitei logo.

Arranjaram-me uma equipa completa, com botas e tudo e, então, domingo a domingo, lá ia eu, todo vaidoso, para onde o «Onze Unidos» fosse.

— Aproveitava ao mesmo tempo para dar uns pontapêzinhos na bola de couro...

— Era logo. Ao intervalo, era **canja**...

— E depois...

— Bom depois... tinha de ser...
— Tinha de ser o quê?
— Tinha de chegar o que chegou. Aos



QUANDO ZÊZINHO NÃO ERA AINDA JOGADOR DO BENFICA

1 — Aos 11 anos, já com o emblema do Benfica. 2 — Excursão a Ferreira do Alentejo, com a equipa da sua terra. 3 — Com o equipamento dos «Onze Unidos». 4 — em do Desportivo do Montijo. 5 — Arbitro de futebol. 6 — A equipa do Desportivo do Montijo. Zêzinho é o que está agarrando a bola. Atrás de si está Pinto, que se tornou «stopper» do Barreirense



Pronto a entrar em acção

12 anos, como se formasse uma equipa infantil inscrevi-me. Claro que não tive dificuldade em marcar desde logo certa posição. Era o melhor...

Como se vê, Zézinho não está com falsas modéstias. Mas continuemos a escutá-lo:

— Depois, como todos sabemos, o tempo corre depressa... E achei-me com 16 anos e com um mundo de sonhos, de ilusões, de projectos dentro de mim. De tal maneira que um dia pensei vir ao Benfica...

— E veio?

— Pois claro, então... Eu nunca me atrapalhei na vida. Meti-me num barquinho e vim até cá. Já então eu era júnior no «Onze Unidos», onde actuava a avançado-centro.

— Que sucedeu no Benfica?

— Eh! nem me fale nisso! Eu que me fartava de marcar golos lá nos jogos da minha terra, cheguei ao Benfica convencido de que, após o treino, ainda me pediriam por favor para ficar lá...

— E então?

— Ora, levei um **nega**, que até ia ficando maluco.

— E, no regresso ao Montijo, que disse a rapaziada amiga?

— Então... mas eu sou parvo?! Julga que lhes disse aonde é que tinha vindo? Não... se o tivesse feito, depois de saberem que não tinha ficado no Benfica, nunca mais me deixavam...

— Mas não perdeu as esperanças de continuar a ser um dia seu jogador popular, não é verdade?

— Nunca! Voltei ao «Onze Unidos» e voltei a ser o marcador principal da equipa de juniores. Mas algo surgiria na vida desportiva do Montijo que teria influência na minha carreira.

— Então...

— Nasceu, da fusão feita pelo «Onze Unidos» com o Aldegalense e o Avenida, o Desportivo do Montijo. Houve remodelação no futebol local — e eu não perdi com a mudança.

— Porquê?

— Porque após dois ou três jogos na «reserva» subi ao team de honra. Ali me conservei três épocas, durante as quais conheci bons e maus tratamentos.

Em 1950-51 o Desportivo foi campeão distrital e eu tive a felicidade de ser o melhor marcador de golos do Campeonato.

— Quais eram, nessa altura, as suas aspirações?

— Como todos os jovens eu queria atingir no futebol um lugar de destaque. Tinha vontade, brio e via muitos outros, com menos qualidades do que eu, triunfarem na vida. Decidi-me a trabalhar e a sofrer para poder um dia, ser alguém no futebol...

— Nem mesmo o facto de ter sofrido uma desilusão no Benfica lhe tirou coragem?

— Não... Não vê: eu estou no Benfica!

— É verdade; e como é que isso foi?

— Eu explico.

...É Zézinho começou:

— Quando o Desportivo estava disputando o Campeonato da 2.ª Divisão Nacional, eu fui abordado por uma pessoa amiga, o sr. António Silva, benfiquista **ferrenho**, que me perguntou se eu queria ingressar no «Glorioso». Fiquei louco de contentamento... Bem depressa desfeito, ao lembrar-me do que aos 16 anos me sucedera.

«Fui, então, convidado para aparecer num treino. A tremar, devo confessar, voltei ao Campo Grande. Treinei-me e parece-me que agradei, porque o enfica aceitou os meus serviços.

— Houve festa lá em casa, não?

— Se houve! Quando cheguei ao pé do meu pai até parecia que me tinha saído a sorte grande.

Lembramo-nos da estreia de Zézinho no Benfica. Foi numa altura em que a equipa encarnada procurava a todo o custo um extremo. Ele apareceu num jogo particular, de homenagem a Francisco Ferreira. E brilhou.

Ninguém, nessa altura, sabia de onde ele vinha. Era enérgico, batalhador. Jogava à **Benfica**. E desde logo, Zézinho conquistou uma enorme falange de admiradores. Perguntá-mos-lhe:

— Como viveu esse dia?

— Nem sei! No momento, talvez pudesse dizer-lhe o que sentia. Foi, por certo, uma data que jamais poderei esquecer. Envergar a camisola do Benfica é sempre motivo de muito orgulho para qualquer homem.

— Conharam esse jogo?

— Sim, contra o Vitória de Setúbal.

— O que quer dizer que entrou no Benfica com o pé direito...

— Bom, não totalmente, porque não fiquei logo na categoria principal. Joguei nessa época e na seguinte, na reserva, actuando quer a extremo direito e esquerdo, quer a avançado-centro.

— Custou muito a fixar-se na primeira categoria do Benfica?

— Um bocadinho. Tive de trabalhar e de suar bastante. Bem vê, o Benfica não é de suar qualquer. Tinha grandes jogadoras e para uma pessoa se fixar na equipa de honra... Está a compreender, não é verdade?

— E em que ano o conseguiu?

— Em 1953. Comecei na extrema-esquerda, a alternar com Rosário.

— Diga-nos, Zézinho, você gostou de ir para o Benfica só porque era um grande clube e lhe permitia subir no mundo do futebol ou, única e simplesmente, porque era mesmo **Benfica**?

— Eu fui sempre benfiquista, apesar de ser montijense e torcer e jogar pelos clubes do Montijo. Desde miúdo... ben-



Zézinho a «back»...

fiquista de alma e coração.

— Que títulos ganhou com o Benfica?

— Independentemente de vários torneios de «reservas» e Taças em jogos particulares, fui campeão nacional em 1955 e 1957; ganhei a «Taça de Portugal» em 1953, 1955 e 1957. Fui já à Venezuela, duas vezes ao Brasil, à América do Norte, à Itália e a Espanha.

— Quais têm sido as maiores alegrias da sua carreira desportiva?



Suporte no estádio do Pacaembu

— São muitas para que eu possa, de um momento para o outro, contá-las aos leitores da «Crónica Desportiva». Sempre que ganhamos, e principalmente ao Sporting, que vencemos o Campeonato ou a Taça sinto-me satisfeito e feliz. Naturalmente quando não jogo bem ou não cumprio como esperavam, sou o homem mais infeliz do Mundo.

— Acha proveitosas as digressões do Benfica ao estrangeiro?

— Que pergunta, meu amigo... Pois claro. Aprende-se muito a viajar e a jogar fora da nossa terra. E nem queira saber a nossa felicidade, jogadores, técnicos e dirigentes, sempre que podemos mostrar o que o Benfica vale!...

— Qual a melhor das digressões do Benfica às Américas? A de há dois anos ou a desta época?

— Cada qual em seu jeito. Há dois anos, a primeira vez... lamos um pouco receosos. Mas impressionámos bastante. Desta vez, todavia, as nossas exhibições tiveram já outro cunho. Realizámos jogos que nem queira saber!

— Quais os melhores?

— Talvez contra o Flamengo, da segunda vez, Palmeiras e Santos.

— Qual a melhor equipa?

— Para mim a do Santos.

— Qual foi, no entanto, de todas as suas exhibições no estrangeiro, a que melhor recordações lhe deixou?

— Sem dúvida as da «Taça Latina». É verdade que perdemos. Mas perdemos com honra.

— No que respeita ao seu caso pessoal: a imprensa e a rádio disseram que o Zé-zinho realizara grandes partidas... Que nos diz acerca disso?

— Um jogador não deve julgar-se a si próprio. No entanto, eu julgo ter realizado tão boas exhibições no Brasil há dois anos como ultimamente em Madrid. O que sucedeu desta vez é que a crítica portuguesa escrita e falada mandara a Madrid os seus melhores nomes, pelo que resultou dedicar-se aos jogos e às exhibições do Benfica maior desenvolvimento. Note, à parte o meu interesse pessoal, dir-lhes-ei que as exhibições do Benfica foram magníficas.

— Não sentiu nada de estranho ao entrar em campo, em Chamartin, naquele poderoso inferno, com a missão de cobrir Di Stefano ainda para mais?

— Sinceramente que não. Eu já jogara no Maracanã e contra alguns dos melhores jogadores do Mundo. De maneira que, embora reconhecendo a excepcional classe, de

Nas instalações do estádio Vasco da Gama



Zé-zinho, sempre oportuno. Neste jogo, o Benfica venceu o Vitória de Setúbal por 3-1

Stefano e me acautelasse não temi defrontá-lo.

— Que satisfações lhe tem dado o futebol?

— As melhores que eu poderia desejar. — Está arrependido por ter enveredado pelo desporto mais popular do Mundo?

— Nada. Os grandes momentos da minha vida devo-os ao futebol e ao Benfica...

— Acha que Otto Glória teve grande influência na sua carreira e nos seus progressos como futebolista?

— Sem dúvida. O treinador do Benfica foi um deus que caiu no futebol português. Para bem do futebol nacional e dos jogadores do Benfica.

— Que tenciona fazer quando um dia abandonar a sua carreira?

— Talvez enveredar pela de comerçiante. Gostaria de me estabelecer.

— Nunca teve qualquer zanga com sua esposa por causa do futebol?

— Não, senhor. Ela também gosta... e também é «benfiquista».

— Se não fosse jogador de futebol, que gostaria de ser?

— Ah! jogador de futebol, pois claro... E num desabafo:

— Sabe lá como é bom pertencer ao Benfica!

Zé-zinho denunciou em cada resposta, em cada ideia, a sua felicidade. Oxalá pudessem todos os futebolistas de Portugal sentirem, como ele sente, a alegria de servir, mesmo profissional como é, o seu clube.

No próximo número:

A história de Gabriel

— um jogador que tem custado centenas de contos!



Na festa dos campeões, o pontapé de saída foi dado pela gentil filha do dirigente José Ricardo Domingues

A equipa do Benfica que brilhou em Charmartin, e da qual «Zezinho» foi das «pedras» mais brilhantes



JOÃO MENDONÇA AZEVEDO

Naturalidade e data do nascimento: Barreiro, 10 de Julho de 1915.

Clubes representados: 1931-32 e 32-33 — Barreirense; 33-34 e 34-35 — Luso; 35-36 a 51-52 — Sporting; 53-54 — Oriental.

Estreia internacional: 28 de Novembro de 1937, contra a Espanha, em Vigo.

Internacionalizações: 19. Contra: Espanha 6, Suíça 4, França 4, Irlanda 2, Hungria, Alemanha e Inglaterra.

RAFAEL ANTONIO CORREIA

Naturalidade e data do nascimento: Caparica, 5 de Abril de 1915.

Clubes representados: Belenenses, desde 1933-34 a 47-48.

Estreia internacional: 6 de Novembro de 1938, contra a Suíça, em Lausanne

Internacionalizações: 6. Contra: Suíça 3, Espanha 2, França.

JOSE CARVALHO SERIO

Naturalidade e data do nascimento: Lisboa, 5 de Março de 1922.

Clubes representados: 38-39 a 40-41 — Belenenses; 42-43 a 43-44 — Paço de Arcos S. C.; 44-45 a 54-55 — Belenenses; 55-56 — Coruchense; 56-57 — S. Mirandela.

Estreia internacional: 21 de Março de 1948, contra a Espanha em Madrid.

Internacionalizações: 2. Contra: Espanha e França B.

JOSE PEDRO BILEU

Naturalidade e data do nascimento: Mora, 10 de Abril de 1932.

Clubes representados: 1950-51 e 51-52 — Luso Morense. Desde 1952-53 — Lusitano de Évora.

Estreia internacional: Na Selecção B — 10 de Abril de 1955, contra o Luxemburgo. Na Selecção A — 22 de Maio de 1955, contra a Inglaterra.

Internacionalizações: 4. Contra: Luxemburgo (B), Sarre (B) Inglaterra e Áustria (B). Marco: 4 golos na Selecção B; Luxemburgo e Sarre, 2 golos cada.



RÁFAEL ANTÔNIO CORREIA



JOAO MENDONÇA AZEVEDO

